

# Tradução do “Manifesto da mulher futurista”, um texto de Valentine de Saint-Point

*The translation of "Manifesto della donna futurista", a text by Valentine de Saint-Point*

Marseille Lopes Costa  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
[marseillelopes@gmail.com](mailto:marseillelopes@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-9982-3482>

Renan Marques Isse  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
[renanisse18@gmail.com](mailto:renanisse18@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-5707-7493>

Eduardo da Cruz  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CNPq)  
[eduardodacruz@gmail.com](mailto:eduardodacruz@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-2150-9266>

## TRADUÇÃO

SAINT-POINT, Valentine. *Manifesto della donna futurista*. Direzione del Movimento Futurista: Corso Venezia, 61 – Milano, 1912<sup>1</sup>.

## APRESENTAÇÃO

O “Manifesto da Mulher Futurista”, escrito pela poetisa, dramaturga, bailarina e atriz Valentine de Saint-Point, pseudônimo de Anna Jeanne Valentine Marianne de Glans de Cessiat-Vercell (1875 – 1953) é uma obra que faz parte da história do

---

<sup>1</sup> Esta tradução foi feita a partir da digitalização disponibilizada pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos do exemplar existente na biblioteca da Universidade de Pádua, na Itália. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2021667104/>. Acesso em: 22 nov. 2023. Mantivemos os itálicos, capitulares e espaços da publicação original.

Futurismo, uma corrente artística e cultural que surgiu na Itália no início do século XX. Publicado em 1912, o texto surge como uma resposta provocadora às ideias misóginas presentes no “Manifesto do Futurismo” (1909), do escritor italiano e líder do movimento futurista Filippo Tommaso Marinetti.

Ao redigir seu manifesto, a escritora francesa criticou abertamente a abordagem de Marinetti sobre o papel das mulheres na sociedade. Apesar de compartilhar muitas das ideias defendidas pelo escritor italiano, como a modernização, a velocidade, a tecnologia e o rompimento com as tradições culturais, Valentine de Saint-Point também reconheceu que, dentro desse movimento, as mulheres estavam sendo silenciadas, relegadas a um papel secundário e subjugadas pelas visões patriarcais. Valentine também condena o feminismo de sua época, que ela via como um movimento burguês. Esta obra, ao lado do seu “Manifesto Futurista da Luxúria” (1913)<sup>2</sup>, contribuiu para o debate sobre gênero na virada do século XX e deixou um legado significativo na luta de libertação das mulheres, não só da França, como dos demais países do Ocidente.

## **MANIFESTO da Mulher futurista**

### **Resposta a F. T. MARINETTI**

“Queremos glorificar a guerra, a única higiene do mundo, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pelas mulheres.”

(Primeiro Manifesto do Futurismo).

A humanidade é medíocre. A maioria das mulheres não é nem superior nem inferior à maioria dos homens. Ambos são iguais. Todos os dois merecem o mesmo desprezo.

---

<sup>2</sup> Publicado pela primeira vez em português no periódico *Portugal Futurista* n. 1, de 1917.

A humanidade inteira nunca foi outra senão o terreno fértil de onde brotaram gênios e heróis de ambos os sexos. No entanto, tanto na humanidade quanto na natureza, há momentos mais propícios ao florescimento. Nos verões da humanidade, quando o solo é queimado pelo sol, abundam gênios e heróis. Estamos no início de uma primavera; ainda nos falta uma profusão de sol, ou seja, muito derramamento de sangue.

As mulheres, assim como os homens, não são responsáveis pelo encalhe de que padecem seres verdadeiramente jovens, ricos de linfa e de sangue.

**É absurdo dividir a humanidade em mulheres e homens;** essa é composta apenas de **feminilidade** e de **masculinidade**.

Todo super-homem, todo herói, por mais épico que seja, todo gênio por mais poderoso que seja, é a expressão prodigiosa de uma raça e de uma época apenas porque é composto, em um dado instante, de elementos femininos e masculinos, de feminilidade e de masculinidade: isso é um ser completo.

Um indivíduo exclusivamente viril não passa de um bruto; um indivíduo exclusivamente feminino nada mais é do que uma fêmea.

Isso se origina de coletividades e de momentos da humanidade como dos indivíduos. Os períodos frutíferos, em que o maior número de gênios e heróis salta do solo fervente da cultura, são períodos ricos de masculinidade e de feminilidade.

Os períodos que tiveram apenas guerras que não foram muito frutíferas de heróis representativos, porque o sopro épico os nivelou, foram períodos exclusivamente viris; os que negaram o instinto heróico e que, voltando-se para o passado, aniquilaram-se em sonhos de paz, foram períodos em que dominou a feminilidade.

Vivemos no final de um desses períodos. **O que mais falta às mulheres e aos homens é a virilidade.**

É por isso que o Futurismo, com todos os seus exageros, está certo.

Para devolver uma certa virilidade às nossas raças entorpecidas na feminilidade, devemos arrastá-las à virilidade, até a brutalidade.

Mas é necessário impor um novo dogma de energia a todos, homens e mulheres igualmente débeis, para chegar a um período de humanidade superior.

Toda mulher deve possuir não apenas virtudes femininas, mas também qualidades viris; caso contrário, é uma fêmea. E o homem que tem apenas força máscula sem intuição, é apenas um bruto.

No entanto, no período de feminilidade em que vivemos, só o exagero oposto é saudável. **E é o bruto que deve ser proposto como modelo.**

Não há mais mulheres de quem os soldados deveriam temer “os braços floridos que se entrelaçam nos joelhos na manhã da partida”; mulheres enfermeiras que perpetuam as fragilidades e a velhice, domesticando os homens para os seus prazeres pessoais ou para as suas necessidades materiais! Chega de mulheres que têm filhos só para si, protegendo-os de todos os perigos, de todas as aventuras, ou seja, de todas as alegrias; que disputam a filha com o amor e o filho com a guerra! Chega de mulheres, polvos de lareiras, com tentáculos que drenam o sangue dos homens e fazem anemia nas crianças; **mulheres bestialmente amorosas, que destroem até mesmo seu poder renovador no Desejo!**

As mulheres são as Erínias, as Amazonas; as Semíramis, as Joanas d’Arc, as Joana Hachette; as Judith e as Charlotte Corday; as Cleópatras e as Messalinas, as guerreiras que lutam mais ferozmente que os homens, as amantes que incitam, as destruidoras que quebrando os mais frágeis contribuem para a seleção, por orgulho ou desespero, “o desespero que dá ao coração todo o seu rendimento”.

Que as próximas guerras dêem origem a heroínas semelhantes àquela magnífica Catarina Sforza que, enquanto resistia ao cerco da sua cidade, vendo do alto das muralhas o inimigo ameaçar a vida do seu filho para obrigá-la a se render, revelando heroicamente seu próprio sexo, gritou: “Mate-o! Ainda tenho o molde para fazer outros!”.

Sim, o “mundo está impregnado de sabedoria”, mas, por instinto, a mulher não é sábia, não é pacifista, não é boa.

Porque lhe falta totalmente o equilíbrio, ela se torna, em um período sonolento da humanidade, muito sábia, muito pacifista, muito boa.

Sua intuição e sua imaginação são tanto sua força quanto sua fraqueza.

Ela é a individualidade da multidão: faz uma procissão aos heróis, ou, na falta destes, apoia os imbecis.

Segundo o apóstolo, instigador espiritual, a mulher, instigadora carnal, imola ou cura, faz escorrer o sangue ou enxuga-o, é guerreira ou enfermeira.

A mesma mulher, em uma mesma época, de acordo com as ideias que a cercam e que são agrupadas em torno do acontecimento do dia, deita-se nas grades para impedir a saída dos soldados para a guerra, ou atira-se ao pescoço do vitorioso campeão desportivo.

É por isso que nenhuma revolução deve permanecer estranha a ela; é por isso que, em vez de desprezar a mulher, deve voltar-se a ela.

É a conquista mais frutífera que se pode fazer; é a mais entusiasta, que, por sua vez, multiplicará os recrutas.

Mas deixe-se de lado o Feminismo. O Feminismo é um erro político. O Feminismo é um erro cerebral da mulher, um erro que o seu instinto reconhecerá.

**Não se deve dar à mulher nenhum dos direitos exigidos pelo Feminismo. A concessão desses direitos não produziria nada da desordem esperada pelos futuristas, mas, ao contrário, levaria a um excesso de ordem.**

Atribuir deveres à mulher equivale a fazê-la perder todo o seu poder fecundo. Os raciocínios e deduções do Feminismo não destruirão a sua fatalidade primordial; eles podem apenas distorcê-la e forçá-la a se manifestar por meio de desvios que levam aos piores erros.

Durante séculos, o instinto da mulher foi confrontado, nada mais é apreciado nela do que graça e ternura. O homem anêmico, mesquinho do próprio sangue, não lhe pede mais do que ser enfermeira. Ela se deixou domar. Mas gritem-lhe uma palavra nova para ela, lancem-lhe um grito de guerra, e com alegria, montando novamente em seu instinto, ela lhes precederá para conquistas inesperadas.

Quando suas armas forem necessárias, a mulher as polirá. Ela, novamente, contribuirá para a seleção.

De fato, se ela não sabe discernir bem o gênio, porque o julga por sua reputação fugaz, a mulher sempre soube recompensar o mais forte, o vencedor, aquele que triunfa com seus músculos e sua própria coragem. Ela não pode errar sobre essa superioridade que se impõe brutalmente.

**Que a mulher recupere a sua crueldade e a sua violência que a fazem se enfurecer contra os vencidos, porque são vencidos**, a ponto de mutilá-los. Parem de pregar para ela a justiça espiritual que em vão tem se esforçado a conquistar.

**Mulheres, tornem-se novamente sublimemente injustas, como todas as forças da natureza!**

Liberadas de todo o controle, encontrado o seu instinto, retomem seu lugar entre os Elementos, opondo a fatalidade à vontade consciente do homem.

Sejam a mãe egoísta e feroz que zelosamente guarda seus filhos, tendo sobre eles o que se chama de direitos e deveres, **desde que fisicamente precisem de sua proteção.**

Que o homem, liberto da família, viva a sua própria vida de audácia e de conquista, desde que tenha forças físicas para isso, seja como for, filho ou pai.

O homem que semeia não para no primeiro sulco que fecunda.

Em meus *Poèmes d'Orgueil*, como em *La Soif et les Mirages*, tenho negado o sentimentalismo como fraqueza desprezível, porque ata as forças e as imobiliza.

**A luxúria é uma força**, pois destrói os fracos, excita os fortes a gastar energia, visando, portanto, à sua renovação. Toda nação heróica é sensual: a mulher é, dessa forma, o troféu mais emocionante.

A mulher deve ser mãe ou amante. As verdadeiras mães serão sempre amantes medíocres, e as amantes serão mães insuficientes por excesso. Iguais diante da vida, essas duas mulheres se complementam. A mãe que recebe seu filho, cria o futuro com o passado. A amante dispensa o desejo que leva ao futuro.

### CONCLUÍMOS:

A mulher, que, com suas lágrimas e seu sentimentalismo, mantém o homem aos seus pés, é inferior à prostituta que leva seu homem por arrogância a conservar, com revólver em punho, o seu ousado domínio sobre os subúrbios da cidade. Essa mulher cultiva pelo menos uma energia que poderia servir a causas melhores.

**Mulheres, por muito tempo desviadas entre a moral e os preconceitos, voltem ao seu instinto sublime: à violência e à crueldade.**

Pelo derramamento fatal de sangue, enquanto os homens guerreiam e lutam, gerem filhos, e entre eles, em holocausto ao Heroísmo, façam o papel do Destino.

Não os criem para si, ou seja, para a redução deles, mas em grande liberdade, para um desenvolvimento completo.

Em vez de reduzir o homem à servidão das necessidades sentimentais execráveis, levem seus filhos e seus homens a se superarem.

São vocês aquelas que os fazem. Vocês têm todo o poder sobre eles.

**Vocês devem heróis à humanidade. Deem-lhes a ela!**

**Valentine de Saint-Point.**

**PARIS, 25 de março de 1912**

Avenue de Tourville, 19

**DIRETORIA DO MOVIMENTO FUTURISTA: Rua Veneza, 61, MILÃO.**

**Observação:**

Este Manifesto foi lido por Madame Valentine de Saint-Point, na Galeria *Giroux* de Bruxelas, por ocasião da Exposição ali realizada pelos Pintores Futuristas, e posteriormente na *Salle Gaveau*, em Paris, diante de toda a elite intelectual parisiense.

A Sra. Valentine de Saint-Point, neta de Lamartine, é considerada uma das mais ilustres poetisas da França por suas obras: *Poèmes d'Orgueil*; *Poèmes de la Meret du Soleil*; *Un amour*; *Un inceste*; *Une mort*; *Uma Femme et le Désir*; *L'Orbe pâle*; *La Soif et les Mirages*, etc.

**Marseille Lopes Costa:** Mestranda em Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo dissertação sobre a escritora portuguesa Beatriz Delgado, com financiamento da CAPES. Especialista em Tradução em Língua Italiana, com monografia sobre o estilo literário de Camilo Boito e tradução comentada do conto “Santuário”. Bacharela e Licenciada em Letras: Português/ Italiano pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Renan Marques Isse:** Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e Especialista em Tradução em Língua Italiana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua como professor de Língua Portuguesa pela SME-RJ e atuou como Professor Substituto no Setor de Italiano, Departamento de Letras Neolatinas do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Eduardo da Cruz:** Professor associado de Literatura Portuguesa no Instituto de Letras da UERJ, atuando na graduação e na pós-graduação. É bolsista Prociência/UERJ e pesquisador PQ2 do CNPq. Tem doutorado em Estudos de Literatura pela UFF (2013), mestrado em Ciência da Literatura pela UFRJ (2009) e realizou estágio de pós-doutorado na USP (2022). É colíder do grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (UERJ/Real Gabinete Português de Leitura), pesquisador do grupo ARS – Arte, Realidade, Sociedade (FBN) e investigador-colaborador no Centro de Estudos Clássicos (FLUL).